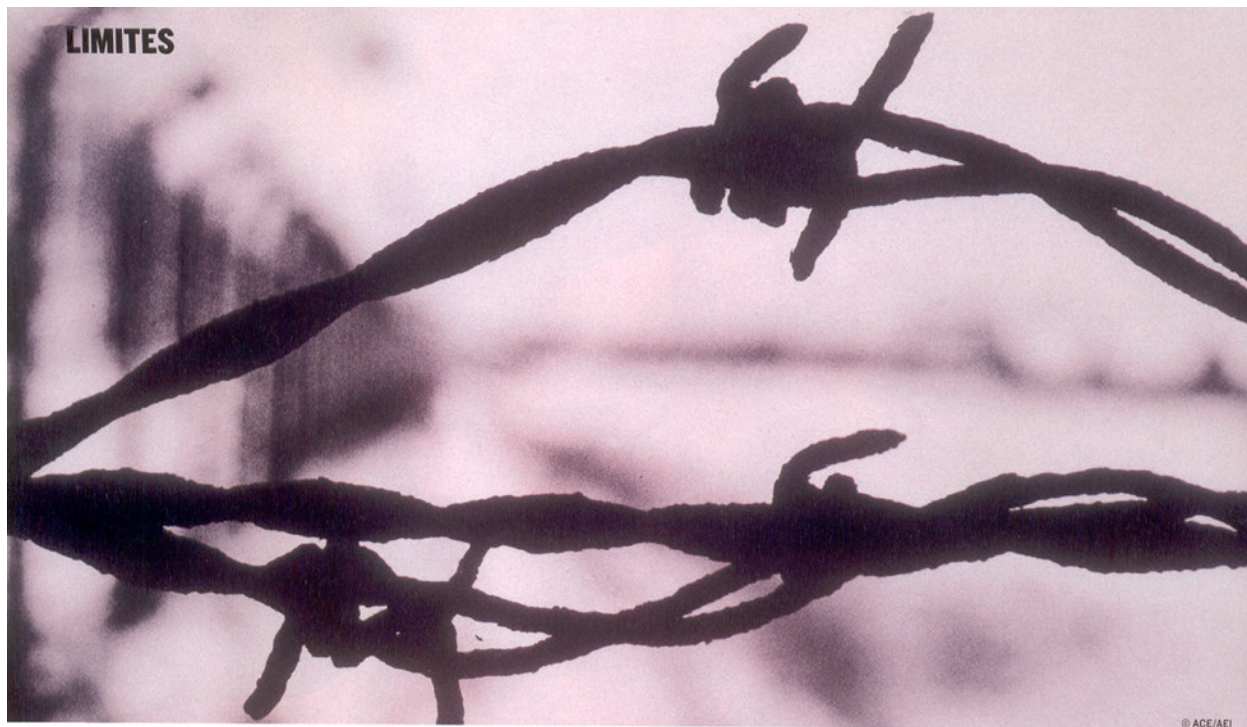


LIMITES



© ACE/AEI

# No limite do sofrimento

**Em situações limite, quando o sofrimento é insuportável, os gestos e os sentimentos reduzem-se à sua forma essencial. Entre o desespero, a revolta e a aceitação silenciosa, os comportamentos variam desde o suicídio, a apatia, a revolta, mas também uma imensa vontade de viver que persiste no fundo de alguns.**

Texto Ana Vieira de Castro

Entre 1945 e 1980 foram descobertos vários documentos, relatos impressionantes enterrados perto dos terrenos que rodeavam os crematórios do campo de concentração de Auschwitz. Esses testemunhos, até hoje ainda pouco conhecidos, são testemunhos manuscritos deixados pelos Sonderkommandos, ou comandos especiais judeus, recrutados pelos nazis entre os próprios presos campo de concentração, para procederem ao extermínio da sua própria gente. Desesperados com a possibilidade de que o mundo não chegasse a conhecer o horror que ali se passava, alguns destes comandos conseguiram enterrar no chão dos crematórios pedaços de papel em que descreviam o ambiente vivido por eles e pelos milhares de deportados e o processo que diariamente os conduzia à morte. E são esses testemunhos de um desespero sem nome que hoje chegam até nós, 60 anos passados.

Revelam-nos a diversidade dos “comportamentos humanos face ao inferno”, dizem, identificando “os que se habituam, os que se suicidam, os que querem a todo o preço deixar um testemunho e aqueles que tentam revoltar-se”. “Estas páginas, escritas no próprio momento em que tudo se passou”, diz Gideon Greif, historiador israelita, “revelam o mundo interior e moral destes homens que não tentam embelezar ou esfumar a realidade em que viviam.” Sem negarem o horror da sua vida quotidiana, por outro lado, “não hesitam em revelar algumas das belas acções que conseguiram levar a cabo no inferno de Auschwitz.” Nos limites do sofrimento, revelam-se inteiros até ao fundo do seu ser, com os seus medos, o seu imenso espanto perante o absurdo da dor em que vivem, a sua esperança, o seu lamento e profunda tristeza e o seu amor à vida, apesar de tudo. E, sobretudo, testemunham a dig-

nidade daqueles que enfrentaram, até ao fim, a dor levada aos limites do possível.

**Sem ver, sem sentir, sem saber.** Tendo constatado que o “exercício rotineiro da morte” afectava demasiado os seus soldados, os oficiais alemães seleccionaram os comandos especiais, judeus e alguns russos, pela sua robustez física, sendo-lhes reservado um tratamento especial. Isolados do resto do campo, viviam perto dos crematórios em condições excepcionais. Tinham direito a dormir numa cama, a aquecimento, a alimentação abundante e roupas. Alternavam 12 horas de trabalho com 12 de repouso. E sabiam que tinham os dias contados. Estavam encarregados de encaminhar as vítimas ao local em que se despiam e, em seguida, de os conduzir para dentro dos recintos de gazeamento. Poucos minutos depois, recolhiam os cadáveres, retiravam-



lhes os cabelos e os dentes de ouro, colocavam-nos nos fornos crematórios, que os consumiam em 20 minutos, e finalmente faziam desaparecer as cinzas. Os seus relatos revelam a verdade dos acontecimentos de uma forma nunca antes conseguida, lançam a luz numa zona até hoje totalmente

**“Temos vontade de viver porque estamos vivos, porque o mundo inteiro vive e tudo o que é agradável, tudo o que está ligado a alguma coisa, está, em primeiro lugar, ligado à vida.”**

escura. Falam das reacções individuais e colectivas perante a morte, traçam retratos de carácter e revelam sentimentos últimos, sondam a profundidade da alma humana em condições de extremo dramatismo, captam a essencialidade da vida. Comovem-se, choram, sentem o seu coração despedaçar-se com o sofrimento das centenas de homens e mulheres que lhes vão passando pelas mãos, que os interrogam, mudos, com os olhos, sem forças para reagir, esmagados pelo horror. “Eles sabem tudo, compreendem tudo”, diz Gradowski, uma das testemunhas. “Sofremos com eles os tormentos da passagem da vida à morte”, diz. E acrescenta: “Somos obrigados a endurecer o nosso coração, abafar toda a sensibilidade, esmagar todo o sentimento doloroso. Devemos recalcar o sofrimento atroz que explode como um furação em todos os nossos membros. Somos obrigados a transformar-nos em autómatos, sem ver, sem sentir, sem saber.”

No auge do terror, assinalam, homens e mulheres à beira da morte, olham-nos nos olhos e estendem-lhes os braços, reconfortados pelas lágrimas que vêm rolar dos olhos dos “comandos”, seus irmãos de infortúnio.

**Revolta e amor à vida.** Obcecados com a ideia de deixar um testemunho à Humanidade sobre as atrocidades inacreditáveis, sabendo que os alemães apagavam escrupulosamente todos os traços do genocídio, estes homens assinalavam a “passividade” com que os deportados caminhavam para a morte, “como carneiros para o abate”. A infelicidade destes homens e mulheres tornava-os incapazes de reagir, “massificando” o seu desgosto, pesado e anestesiantes. “Quando um homem se sente completamente perdido”, escreve Lewental, outra testemunha, “torna-se incapaz de fazer seja o que for, porta-se como se já tivesse morrido.” E continua: “os mais fortes, os mais heróicos afundaram-se desde o momento em que aqui chegaram.” No entanto, revelam os textos, houve raros momentos de rebelião, vindos sobretudo da parte de algumas mulheres e raparigas, atitudes corajosas que os comandos registam impressionados, nos seus manuscritos.

Entre atitudes de extrema coragem e a habituação involuntária de alguns perante a tragédia que se desenrolava sob os seus olhos, outras realidades emergem. Como o amor à vida, apesar de tudo. Assim o testemunha Lewental, afirmando que a vontade de viver “a qualquer preço” ainda existia em alguns. “Temos vontade de viver porque estamos vivos, porque o mundo inteiro vive e tudo o que é agradável, tudo o que está ligado a alguma coisa, está, em primeiro lugar, ligado à vida.” ✕

ana.castro@xis.publico.pt



**Testemunho Helena Aitken**

**Helena Aitken, 54 anos, francesa, directora de formação da AMARA, Associação pela Dignidade na Vida e na Morte.**

## Entrega aos outros

### Até onde podemos ir pelos outros?

De uma forma geral, consigo ir muito longe pelos outros sem me esgotar, desde que tenha a possibilidade de estar em contacto com a natureza, em particular com as árvores, os pássaros e o silêncio, e desde que não me esqueça de rezar para pedir ajuda. Quando rezo, peço ajuda para tomar consciência das minhas capacidades para lidar com aquela situação concreta e para ser guiada por Deus. Rezo sempre antes de dar uma formação, uma consulta ou acompanhar um doente. Preciso do contacto com a natureza, cada manhã, ao levantar, quando bebo um chá no meu jardim ou vou a pé até à paragem do autocarro, por exemplo. Se estou cansada, procuro esse contacto no sítio em que estou a trabalhar, como um pequeno canteiro de flores que me reconfortou por dias e dias no começo da última Primavera em que estava especialmente cansada. E ao fim do dia preciso de um momento de contemplação silenciosa, em que não penso em nada, não leio, não falo. É um momento de distância da realidade para recarregar as minhas baterias.

### Acontece esquecer os seus próprios interesses e o seu bem-estar pelo dos outros?

Apesar de ser bastante independente, percebi que o meu maior interesse, ao longo de toda a minha vida, reside na relação com os outros. Em termos profissionais, esse interesse alarga-se aos seres humanos em geral. O que significa que lutar por nós é aceitar os desafios inerentes a cada relação humana no nosso percurso de vida. Porque cada relação pode ser uma fonte de transformação e de crescimento para nós, muito mais eficaz que qualquer estudo, leitura, ensinamento ou doutrina, que apenas dão satisfação à nossa mente, mas, penso eu, não têm o impacto da experiência vivida. Significa também que os meus interesses próprios e o meu bem-estar estão ligados ao meu compromisso em relação aos outros, seja às pessoas próximas, familiares e amigos, seja às pessoas com quem trabalho, alunos ou doentes. Durante muito anos, achei que os meus interesses eram a solidão e a liberdade para fazer o que gostava, como ler, viajar, ir ao cinema, ou não fazer nada, simplesmente... Não tenho espírito de sacrifício nem o desejo de encher a minha vida com “boas acções caritativas”. Apenas tenho a certeza que o meu bem-estar depende da qualidade da minha entrega aos outros. Mas também tenho a certeza que não tenho a capacidade de assumir com êxito esta minha entrega apenas com a minha vontade. Preciso do apoio da natureza, do silêncio interior e da oração.